



AS CONSTRUÇÕES DA INFÂNCIA E SUAS RAÍZES SÓCIO-HISTÓRICAS: DA INVISIBILIDADE AOS HOLOFOTES¹

Beatriz Nogueira Marques de Vasconcelos
beatriz_mark@hotmail.com
(UFPE)

Resumo

Este artigo discute as diferentes concepções da infância no decorrer da história Ocidental. Afinal, como se construiu o sentimento contemporâneo de infância? Partindo desta interrogação pretende-se refletir a evolução do conceito de infância e as transformações do ser criança em uma perspectiva sócio-histórica. Neste texto a temática é discutida a partir dos argumentos de Philippe Ariès (1999) enfatizando a representação da infância construída nos diversos contextos sociais, pelos diferentes discursos que incidem sobre esta etapa da vida. A infância é um artefato cultural, nesta condição o meio social e suas raízes históricas têm influência na maneira de ser infantil na contemporaneidade, para esta compreensão, Postman (1999) enfatiza a extinção deste sentimento influenciado pelas relações entre crianças, mídias eletrônicas e adultos, redefinindo-se ao longo do tempo. O desafio proposto é interrogar a construção da infância contemporânea considerando a natureza das imagens infantis veiculadas nas mídias impressas e eletrônicas como objetos de consumo.

Palavras-chave: História da infância. Sociologia da educação. Criança. Cultura infantil. Mídias eletrônicas de comunicação.

Introdução

As sociedades são marcadas pelas relações políticas, culturais e econômicas presente ao seu tempo, Para Ariès (1999) o sentimento de infância traduz a evolução histórica de suas várias concepções, desde o não reconhecimento ao reconhecimento de que as crianças são diferentes dos adultos, culminando com as novas invenções e sentimentos de infância na modernidade.

As sociedades contemporâneas ocidentais tem-se caracterizado pelas relações de produção e consumo que permeia e ditam seus valores sociais. Acompanham-se mudanças nas relações de afeto entre adultos e crianças, bem com o surgimento de uma economia voltada para atender o público infantil. Neste texto, o tema da infância contemporânea será tratado a partir das seguintes indagações: como se construiu o sentimento de infância? O século XVIII inventou a infância? Será que nesta virada de século já podemos dar por seu desaparecimento, como nos

¹ Esse trabalho se insere em uma pesquisa de monografia apresentada ao Curso de licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Pernambuco no ano de 2011, sob orientação da professora Eliana C. Ismael da Costa, na qual foi observada as interações sociais de crianças de 4 a 6 anos de idade em uma instituição escolar localizada no campo.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

apontam Postman? Que são essas crianças contemporâneas que assumem cada vez mais padrões pertencentes a uma sociedade adulta?

Para aprofundar a compreensão contemporânea de infância percebemos nas análises sociais de Postman (1999) um novo olhar sob a infância não afastada de outros segmentos sociais. Ele ressalta em seu livro: *O desaparecimento da infância*, que tal conceito contemporâneo não é apenas visto como categoria biológica, mas como um produto de determinada cultura, assim a criança é vista como um ser diferenciado do adulto. Hoje este sentimento está em extinção, influenciado pelas relações entre crianças, mídias eletrônicas e adultos, redefinindo-se ao longo do tempo. Observamos a ausência de fronteiras que marcam o fim da infância e o início da vida adulta. Para o referido autor esta “não diferenciação” assinala na sociedade contemporânea a erotização dos corpos infantis, sendo a televisão um dos principais mecanismos responsável pela extinção desta fronteira.

A erotização dos corpos infantis é bastante discutida na sociedade contemporânea, a exemplo citamos Jane Felipe (2003), que aponta o corpo infantil como cada vez mais divulgado e explorado pela publicidade e, as mídias televisivas responsáveis por grande parte desta divulgação, na medida em que trata a infância como um objeto de consumo e desejo, processo chamado pela autora de “pedofilização” da sociedade. A reflexão nos leva ao antagonismo da sociedade contemporânea: se por um lado o adulto aprecia a inocência infantil, por outro cultua as imagens de crianças vinculadas à mídia cada vez mais cunhadas dentro de padrões de beleza adultocêntricos e erotizantes. O corpo infantil “vem sendo alvo de constantes e acelerados investimentos com o surgimento dos veículos de comunicação de massa, em especial a TV, as crianças passaram a ser vistas como pequenos consumidores, e a cada dia são alvos constantes de propagandas.” (FELIPE e GUIZZO, 2003)

Para Postman, a televisão e a publicidade reforçam na criança um desejo de tornar-se adulto cada vez mais cedo, como também do adulto tornar-se mais jovem. Ao assistir televisão a criança é bombardeada com inúmeras imagens concretas e auto-explicativas que reafirmam valores de uma sociedade que coisifica, erotiza e comercializa a infância. Neste sentido, a sociedade contemporânea se distancia cada vez mais da forma idealizada de pensar a infância como “pura” e “ingênua”, universal e atemporal.





Uma análise sócio-histórica do conceito de infância: do adulto em miniatura a criança adulta.

Atualmente valoriza-se um discurso que pontua a infância como uma fase do desenvolvimento humano repleta de especificidades diferindo-a do adulto, contudo a infância como vemos hoje é fruto de uma mudança histórica social. Philippe Ariès (2006) em uma abordagem histórica ressalta a dificuldade de o adulto perceber a criança ao longo da história. O conceito de infância é compreendido como uma fase de desenvolvimento da vida do sujeito distinta da fase adulta esta idéia de infância é construída socialmente de acordo com as experiências e vivências em diferentes culturas, lugares e sociedades sendo uma invenção adulta edificada ao longo da era moderna.

Ao longo da idade média e até por volta do século XIII às fases da vida não tinham um significado especial para a sociedade. As crianças eram vistas como um adulto em miniatura, originado do sentimento de infância da época, sua educação se dava no âmbito da convivência familiar entre os adultos ambiente no qual observavam e aprendiam as atividades próprias na época ajudando-os na realização das tarefas. Ariès ainda revela que o sentimento de amor familiar entre os casais e seus filhos não era visto como necessário, pois era elemento desconhecido como valor ao desenvolvimento da criança. A infância foi demarcada por dependências: enquanto a criança dependia do adulto para suas ações, ao sair dos cuidados e tratos do adulto, a criança saía do período denominado aqui de infância.²

O primeiro sentimento de infância sob uma ótica adulta surgiu entre os séculos XV e XVI quando as crianças pequenas passaram a ser consideradas a alegria e energia do lar, neste período ocuparam um lugar no olhar dos adultos voltado á diversão e brincadeiras. Ao passo que a infância foi observada ainda que por ótica adulta, a criança passa a ter um significado na constituição familiar, no entanto, por volta do século XVIII influenciada pelo catolicismo cristão a alma da criança pequena é reconhecida antes que seu corpo e a infância é contemplada sob os cuidados dos adultos quando são delimitadas novas práticas de higiene e alimentação além de

² “O sentimento da infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças, corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia. Por essa razão, assim que a criança tinha condições de viver sem a solicitude constante de sua mãe ou sua ama, ela ingressa na sociedade dos adultos e não se distinguia mais destes.” (Ariès, 2006, p. 99).





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

implementadas as primeiras vacinas para proteger a criança pequena de futuras enfermidades, aliado aos cuidados à saúde da criança, a sociedade constrói uma visão de infância inocente criasse, então a necessidade de separar a criança do adulto com objetivos de zelar por sua “inocência infantil”.³

Nesta época segundo Ariès, surge a idéia de inocência infantil como um lugar-comum. Os costumes passam a prestigiar o comportamento regrado de boas maneiras e bons modos sociais, as crianças passam a receber dos adultos, orientações de conduta e pudor com o próprio corpo, são criadas linguagens adequadas à pequena infância surgindo novas divisões de leitura apropriadas às crianças e aos adultos.

É certo que a infância não se constitui somente em seu aspecto biológico, mas acima de tudo ao seu nível de influência cultural. A idéia de infância não pode estar separada de outros segmentos culturais, pois seu processo de reconhecimento foi gradual, sofrendo as mudanças de ordem social cuja intensidade na era moderna, conquista seu lugar na sociedade. Tais reflexões remetem-nos a Neil Postman (1999) que enfatiza a expansão da escola formal incentivadora da separação da literatura livresca para adultos e crianças alfabetizados. A partir do século XVI o acesso das crianças aos livros foi restringido, pois os livros agora passavam pela vistoria de professores/as e pais. Postman analisa esse fenômeno como um monopólio do conhecimento que separa crianças de adultos, pois “um adulto totalmente alfabetizado tinha acesso a todas as informações (...) as crianças na maioria não as tinham e por isso, eram obrigadas a ir para a escola” (Postman, 1999, p.90). Sendo assim, a infância começa a ser percebida como categoria biológica que necessita de cuidados específicos, e não um produto de uma determinada cultura. Contudo, ao separar a literatura livresca de crianças e adultos alfabetizados inicia-se um processo de construção de um conceito de que as crianças possuem um mundo social próprio.

Este sentimento de infância nasce fora da família, conduzido pelos costumes moralistas, próprios do berço da educação cristã, com clara preocupação de racionalizar as emoções das crianças e transmitir valores morais, bons costumes e disciplina adequados aos valores da época, a

³ É interessante notar que para Postman (1999) o sentimento de “infância inocente” é fruto dos sentimentos de vergonha que os adultos passam a nutrir mediante aos seus filhos pequenos.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

fim de assegurar o desenvolvimento da infância moral. Assim, nos séculos XV e XVI as brincadeiras passam a ser vigiadas mediante a preocupação de valores morais.

As análises históricas de Ariès são feitas também a partir das artes plásticas através de obras barrocas, renascentistas (época na qual nasce o primeiro sentimento de infância) e iluministas, ali as crianças são retratadas diferente dos adultos somente em relação ao tamanho físico, contudo características mais específicas como olhos e bocas são retratadas da mesma forma que a dos adultos; outros aspectos relevantes vistos nas artes plásticas são as vestes das crianças as quais são idênticas as dos adultos em tamanho reduzido, constituindo assim a idéia de adulto em miniatura. Este sentimento de infância é muito bem retratado na obra de Velásquez “As Meninas” também chamado a “Família de Filipe IV”¹, do século XVII. Na obra o pintor Barroco Velásquez retrata uma cena da corte espanhola, a menina ao centro é a princesa espanhola Infanta Margarida, os trajés da pequena princesa são os mesmos trajés usados pelos adultos. Nota-se a preocupação da criança com sua postura; elegante e aristocrática tais como as das mulheres da corte da época, observe-se a delicadeza utilizada pelas mãos sob seu o vestido. A menina esta no centro da obra, reflexo de sua posição social destinada a assumir o futuro trono espanhol. O que chamamos atenção aqui são as roupas usadas por Infanta Margarida que de forma direta dita o seu comportamento, pois por baixo do elegante vestido ela porta um espartilho de ferro, muito utilizado na época para moldar as cinturas das mulheres tornando-as esbeltas e de postura eréttil, sem dúvida esta roupa a impede de qualquer movimento característico de uma brincadeira ou jogo. O quadro de Velásquez reafirma o sentimento de infância da época em que as crianças incorporavam hábitos plenos do mundo dos adultos. A posição central de Infanta Margarita é atentamente observada pelos seus pais representados na tela pelo reflexo do espelho, denotando o significado político e dinástico que a jovem filha representa:

A descoberta da infância começou sem dúvida no século XIII, e a sua evolução pode ser acompanhada na história da arte e na iconografia dos séculos XV e XVI. Mas os sinais de seu desenvolvimento tornaram-se particularmente numerosos e significativos a partir do século XVI e durante o século XVII. (ÁRIES, 2006, p. 28).





Figura 1: 'Velásquez, As Meninas" ou A Família de Filipe IV , do século XVII.
Fonte: Pesquisa realizada no Google, 2011.

Ressaltaremos diante da discussão pautada, o surgimento da idéia de infância na modernidade e suas constantes mudanças. Segundo Àries, o sentimento de infância moderna se intensificou á medida que novos valores sociais foram firmados, tais como o novo individualismo burguês, que edifica dois sentimentos contraditórios de infância; os sentimentos da “moralização”⁴, cuja preocupação é controlar a natureza “insana” das crianças e os sentimentos de “ingenuidade”, que assegura a criança os direitos de preservação da sua “inocência infantil”. Observa-se na idade moderna uma preocupação em manter através das crianças a garantia da ordem social, através dos treinos infantis de modo a impedir os comportamentos perturbadores das crianças.

Nas análises deste trabalho, observamos as constantes mudanças na concepção de infância, percebendo-a como uma categoria social, por exemplo, entre os séculos XVI e XVII as crianças eram trajadas como adultos não possuindo assim um vestuário específico atendendo à suas especificidades físicas, tal como afirmado em POSTMAN: “...está bem documentado nas

⁴ Dessa época em diante, ao contrário, a educação passou a ser fornecida cada vez mais cedo pela escola [...] uma preocupação em isolar a juventude do mundo sujo dos adultos para mantê-la primitiva, a um desejo de treiná-la para melhor resistir às tentações dos adultos (ARIÉS, 2006, p. 159)





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

pinturas do século dezesseis em diante... as crianças são representadas como adultos em miniatura.” (1999, p. 57)

Ao narrar as transformações que o conceito de infância deu origem, Postman nos faz indagar o atual conceito de infância ou seu desaparecimento mediante a uma sociedade cada vez mais submersa à múltiplos meios de comunicação, nos quais as mídias televisivas manipulam e dirigem ideologicamente os indivíduos. Reafirmamos aqui a importância da televisão, instrumento através do qual a criança é cada vez mais cedo submetida ao mundo adulto e do consumo. Ao pensarmos em uma sociedade que prioriza a ostentação material e o consumo como mecanismo de visibilidade social, qual seria o atual conceito de infância na sociedade?

Percebe-se atualmente que as características da infância nos séculos anteriores não mais correspondem ao atual. A criança constrói um comportamento social ditado pela televisão e mídias eletrônicas. Observamos na produção de publicidades, imagens de crianças cada vez mais adultizadas. A esse respeito Postman (1999) ressalta a representação da criança não como criança, mas como “adultos em miniatura”. É certo, que a linguagem das crianças não é mais a mesma, seu vestuário, comportamento, vontades e aparência física se assemelham cada vez mais com os de pessoas adultas.

Aprofundando a discussão, introduzimos uma imagem de publicidade infantil², que retrata uma criança de aproximadamente sete anos deitada em um divã, posicionada tal como modelos adultas em campanhas de cunho erótico, apresentando postura e olhar de caráter bastante erotizados, como acontece entre modelos adultas, o olhar da menina está fixo na câmera denotando poder oriundo de sua beleza. Cabe atentar para o slogan: “Use e se lambuze” e seu diálogo com a imagem. Além das palavras Use e lambuze que remetem à sensualidade, a criança apresenta-se com a boca melecada, os lábios posicionados de maneira a enfatizar a comida ali presente, além da menção feita no slogan, cujo significado pode ser lido: lambuzar é saciar-se. Diante da imagem, nos perguntamos: a qual sociedade uma marca de roupas infantis está sendo oferecida? Seria se “lambuzar” de consumo e da sensação de poder que uma roupa desta marca causa?

Diante do exposto, não seria esta imagem tão adulta quanto a da Infanta Margarida produzida em pleno século XVII POR Velásquez?





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

A marca em questão produz roupas “infantis” tendo como principais consumidoras crianças, em sua maioria meninas de 1 a 10 anos, a propaganda em questão reforça ainda mais os comportamentos eróticos e adultos ligados aos vestuários das crianças, neste caso das meninas. “A indústria de roupas de crianças passou por grandes mudanças na última década, de modo que o que era outrora inequivocamente reconhecido como roupa “infantil” praticamente desaparece” (POSTMAN, 1999, p. 142)



Figura 2: ² Publicidade divulgada em mídia eletrônica: <http://apachamama.blogspot.com/2008/09/no-pedofilia.html>.
Fonte: Pesquisa realizada no Google, 2010

Encontramos na publicidade mecanismos que constroem um modo artificial de conduzir o consumo infantil, ditando parâmetros e comportamentos infantis a serem seguidos. A imagem da criança na propaganda passa a ser convertida como bem de consumo ou de maximização do consumo infantil. Percebemos a imagem da criança comercializada pela indústria da publicidade, partindo do fato de que a “mercadoria” se apropria da cultura, neste caso da cultura do adulto. A imagem acima reafirma os valores de uma economia capitalista em que o indivíduo é aprisionado à ditadura do consumo e do exibicionismo da beleza artificial. A infância está ao centro dos jogos de interesses; de adulto em miniatura a criança passa a ser o centro da indústria do consumo.

Ademais, Postman enfatiza que a programação da mídia televisiva tem contribuído para expansão do consumo excessivo por parte das crianças e a manipulação dos valores “infantis”. Neste modelo de infância atual, a televisão manipula a criança para reprodução de valores capitalista sendo este o ponto central para a não distinção entre os valores sociais das crianças e dos adultos.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Para a autora Jane Felipe, a infância vem passando por um processo de transformação interligada ao tempo, à construção de identidade de gênero e à cultura na qual as crianças estão imersas. As transformações políticas, sociais, econômicas e culturais estão intimamente ligadas as mudanças na infância. A criança passa a receber as mesmas informações que os adultos por intermédio da mídia televisiva e da publicidade impressa; Também são ressaltadas pela autora as relações infantis e sua entrada no mundo social cada vez mais incorporadas ao modo de vida adulta, a infância contemporânea passa a assumir o mesmo desejo da imagem social do adulto. O corpo infantil retratado na propaganda transpõe os valores sociais atuais sendo:

O corpo infantil... alvo de constantes e acelerados investimentos. Com o surgimento dos veículos de comunicação de massa, em especial a Tv, as crianças passaram a ser vistas como pequenos consumidores e a cada dia são alvos constantes de propagandas. Ao mesmo tempo em que elas têm sido vistas como veículo de consumo, é cada vez mais presente a idéia da infância como objeto a ser apreciado, desejado, exaltado, numa espécie de "pedofilização" generalizada da sociedade. (FELIPE, 2003, p. 124)

É certo, que as propagandas vinculadas à imagem da criança propiciam nas mesmas resignificações alteradas de construção de sua própria imagem. O processo de erotização e adultização da infância debatido aqui refletem as mudanças da sociedade contemporânea na qual o ser humano é “coisificado” e sua imagem comercializada em prol do consumo como mais um objeto. Tais mudanças resultam em transformações significativas para a construção do sentido de infância como também no ser criança. Na medida em que a sociedade enfrenta “crises” de valores, o conceito de infância e imagem da criança passam por uma crise, é claro que a infância ganhou uma nova conotação social em suas vestimentas, valores, mundo simbólico, brincadeiras e linguagem. A partir desta reflexão, intuímos que em ambas as imagens acima apresentadas, a criança gira em torno de um contexto de sedução marcados por contexto histórico, social, econômico e cultural próprios de sua época e distintos.

Infância e educação: uma abordagem sociológica

Apontamos que a infância não é um artefato natural, ela se constitui historicamente, marcada pelos interesses de uma sociedade. Para uma melhor compreensão da (re) invenção do





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

conceito de infância histórico, analisamos alguns dos pressupostos da sociologia clássica em que temos como referência a obra do sociólogo Durkheim (1937), em seus escritos sobre a integração dos sujeitos à sociedade, estruturaram seus estudos a educação, enfocando os sistemas educacionais em sua posição de reprodução e reconstrução das esferas sociais. Para o autor a vida organizada em sociedade é integrada por sujeitos que acionam saberes, normas e ordens sociais com a intercessão de sujeitos já “socializados” tendo por objetivo manter a coesão e a ordem social.

A perspectiva alinhada por Durkheim (1927) enfatiza a infância como objeto de realização do mundo adulto, concebendo a criança como receptáculo passivo das ideologias do mundo adulto. Portanto, se faz necessário educar a criança para moralizá-la de modo que ela incorpore a sua subjetividade os elementos de moralidade familiar e religiosa. Neste sentido, a criança não seria capaz de formular idéias de mundo como sujeito autônomo e crítico, assim a criança estaria submersa a doutrina adultocêntrica. Aqui fazemos uma ponte com as discussões pautadas pelo sociólogo Pierre Bourdieu (2002) o qual destaca as várias formas de dominação existentes nas relações sociais. Para o autor estas dominações são fruto de um trabalho social da qual a identidade social é instituída e organizada sob uma lógica baseada na reprodução de uma cultura dominante.

Esta concepção define o sujeito como ator social que interage por meio de jogos sociais, sem regras explícitas. Em tais jogos sociais as pessoas fazem suas escolhas influenciadas por seu contexto de vida, marcado por sua condição cultural, econômica, política e social; estas escolhas nunca são individuais, pois o indivíduo está submerso ao grupo social de pertença. Ao entrar em sociedade o mundo social do sujeito se intensifica, o indivíduo se inscreve em uma natureza biológica tornando “habitus” sua vida social, ou seja, uma lei social incorporada por ele. O “habitus” é definido pelo autor como um conjunto de disposições de um trabalho social:

[...] de nominação e de inculcação ao término do qual uma identidade social instituída por uma dessas 'linhas de demarcação mística', conhecidas e reconhecidas por todos, que o mundo social desenha, inscreve-se em uma natureza biológica e se torna um habitus, lei social incorporada. (Bourdieu, 2002, p. 63 -64)





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

O sentido salientado de “habitus” é uma maneira de disposição à determinadas práticas de classe ou grupos sociais. O “habitus” é a forma geradora de práticas interiorizadas e produzidas ao longo da trajetória de vida do sujeito. Dentro desta ordem social o autor descreve as injustiças geradas nas relações sociais baseadas na separação das categorias sociais, a exemplo: homens e mulheres. Esta violência está inconsciente sendo praticada como ato sutil e oculto, inserida nas relações de poder, não só nas relações de gêneros, mas em toda estrutura social como afirma o autor:

O efeito da dominação simbólica (seja ela de etnia, de gênero, de cultura, de língua etc.) se exerce não na lógica pura das consciências cognoscentes, mas através dos esquemas de percepção, de avaliação e de ação que são constitutivos dos ‘habitus’ e que fundamentam, aquém das decisões da consciência e dos controles da vontade, uma relação de conhecimento profundamente obscura a ela mesma. (Bourdieu, 2002, p.49/50)

Neste sentido, o autor alega que o “habitus” consiste em um sistema social capaz de produzir ações individuais e coletivas marcados por princípios gerados historicamente, sendo estas experiências históricas passadas pelos sujeitos de geração à geração e posteriormente internalizadas mudando sua forma de pensar por conseguinte sua forma de perceber o mundo e suas práticas. Através do “habitus” os sujeitos (tratados pelo autor como atores sociais) incorporam o jogo social como algo intrínseco a sua natureza (modelo social inconsciente).

Pode-se a partir dos conceitos de Bourdieu, refletir os processos pelos quais os indivíduos interiorizam as estruturas do mundo social. Se pensarmos nas crianças como agentes históricos de sua condição humana em seu mundo social, podemos perceber que para Bourdieu, a pequena infância é o momento crucial da incorporação das estruturas sociais para o seu interior; Antes mesmo de dominar a linguagem a criança já está inserida no mundo, a linguagem sem dúvida, será sua direção para a construção do pensamento social racional. Deste modo, percebe-se que a infância é marcada como o primeiro momento de incorporação de gestos e comportamentos sociais.

Com alguns pontos de intercessão aos conceitos de Bourdieu a linha de argumento de Durkheim é marcada pela interiorização das normas sociais como efeito de repressão social do indivíduo, sendo a infância sob a ótica durkheimiana a fase mais marcada pela coação social e o





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

adulto responsável pela racionalização do sujeito, criando e construindo os conceitos de ética, valores morais e culturais predominantes.

Em tal linha explicativa, a criança em seu processo educacional com as demais no espaço escolar passa a ser agente passivo das ordens sociais estabelecidas pelos adultos. O que significa que na primeira infância a criança é moralizada pela doutrina de valores adultos, a escola passa a reproduzir tal conceito moral com vistas a disciplinar e formar a criança. Ao ingressar na escola as crianças estarão sob as regras sociais da educação formal, regras estas impostas por uma visão adulta de mundo. As crianças são compreendidas como sujeitos sociais passivos às transformações adultas e incapazes de tornarem-se atores/atrizes sociais do seu processo. Sob a ótica do referido autor os adultos promovem e preparam as crianças para sua vida social:

A criança não traz mais do que a sua natureza de indivíduo. A sociedade se encontra, a cada nova geração, como que em face de uma nova tabula rasa, sobre a qual é preciso construir quase tudo de novo. É preciso que, pelos meios mais rápidos, ela agregue ao ser egoísta e social, que acaba de nascer, uma natureza capaz de vida moral e social, eis aí a obra educação... A educação não se limita a desenvolver o organismo, no sentido indicado pela natureza, tornar tangíveis os elementos ainda não revelados, embora à procura de oportunidade para isso, ela cria no homem um ser novo. (DURKHEIM, 1973, p. 42)

De uma forma geral para Durkheim, os processos de socialização agem como um treinamento do indivíduo que interioriza as normas sociais e os costumes aceitáveis da sociedade, se alicerçando ali as representações sociais exigidas à sua vida, desenvolvendo habilidades específicas para executar as ações necessárias em seus grupos sociais de pertença.

Com alguns contrastes com os pressupostos trazidos pela sociologia clássica durkheimiana, Norbert Elias (1993) enfoca seus estudos no paradigma da interação indivíduo-indivíduo, centrando sua análise no processo psíquico que a socialização impregna no indivíduo. Trata-se do conceito “civilizatório” que ao contrário da compreensão de Durkheim ressalta as instituições sociais como eixos responsáveis pela passagem de valores e adaptação do indivíduo a sociedade. Enquanto Durkheim (1973) concebe a passagem de valores morais a partir das ações coletivas formalizadas (Escola, religião e família), Elias analisa o processo de socialização alusivo a idéias, costumes e valores sociais. Se bem que, tanto para Durkheim quanto para Elias o conceito de interação das ordens sociais e dos costumes são imprescindíveis para a transmissão valores e





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

regras operadas em determinada sociedade. Outro aspecto importante na obra de Elias é o cuidado com o custo psíquico no processo de civilização dos indivíduos o qual trataremos em outra instância neste trabalho.

Elias enfatiza o processo civilizador na construção do próprio indivíduo, sendo o indivíduo uma construção da produção humana, entretanto ressalta a formação do sujeito em sociedade se civilizando e se moldando a juízos de valores que o envolvem em sua vida social:

No estudo desse processo de civilização, não podemos deixar de sentir desconforto e embaraço. É bom estamos conscientes dele. É necessário, ao menos enquanto estudamos esse processo, tentar suspender todos os juízos e críticas associadas aos conceitos de ‘civilizado’ ou ‘incivil’. (...) A ‘civilização’ que estamos acostumados a considerar como uma posse que aparentemente nos chega pronta e acabada, sem que perguntemos como viemos a possuí-la, é um processo ou parte de um processo em que nós mesmos estamos envolvidos. (Elias, 1994, p. 72/73).

Nota-se a necessidade por parte do indivíduo em conceber um enquadramento das emoções para que assim se defina a “auto-regulação do comportamento” entrando em vida social e assumindo o comportamento civilizado; este processo deve-se à capacidade de racionalização do indivíduo que consiste em um dos principais valores da vida em sociedade.

Aqui ressaltamos a pertinência do diálogo entre Norbert Elias e Ariès (2006), pois ambos autores falam da entrada da criança na vida social marcada pela aprendizagem dos bons costumes civis como racionalização do sujeito, estes códigos sociais integram parte da formação do indivíduo. Em sua análise histórica Ariès enfatiza que a infância do século XIX e início do século XX passa por fenômenos de clausura da criança separando-a dos adultos por faixa etária assegurando uma educação aos bons hábitos garantindo à infância inocente e civilizada. Substituindo, deste modo, a vida social de um espaço público por um espaço privado.

Em conformidade com as análises sociais de Ariès e Elias as crianças não chegam ao mundo acabadas, nem munidas de sentimento padronizados os processos se dão ao longo da história sendo a criança vista como um indivíduo incompleto por não conseguir atingir o nível desejável de controle de emoções esperados a uma boa convivência social. Elias ainda aprofunda mais as discussões tecidas por Ariès quando explica que existe um rito de passagem da infância para a vida adulta no qual o processo civilizador é obrigatório para que o indivíduo atinja o padrão exigido





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

para uma convivência social, este rito de passagem é definido por Elias como a perda da vergonha, pois para o autor o surgimento do sentimento de vergonha marca a perda da infância e a entrada para a vida adulta, ou seja, a mudança da conduta moral e civilizada do indivíduo. Neste sentido, ele exemplifica que durante os séculos XVII e XVIII as crianças são “educadas” pelos adultos de forma que possam ingressar a uma sociedade respeitando as regras sociais já estabelecidas historicamente trata-se da mesma “educação” descrita por Ariès cujo enfoque é o segundo sentimento de infância dirigido a preservação dos bons “modos e costumes” pertinentes a infância.

Outro argumento de Elias rico é a “auto-regulação do comportamento” do indivíduo apontado como elemento central da experiência de vida social pautada em códigos sociais de conduta. Para o autor, os adultos estão submetidos a padrões e normas sociais pré-estabelecidas em seus grupos. Os indivíduos chegam ao mundo para serem civilizados para assim compreender sua função em sociedade. Desta forma, a criança pequena ao adentrar na vida social (“mundo civilizado”) constrói suas visões de acordo com seu desenvolvimento no mundo social de pertença.

Elias também reforça a idéia da separação entre adultos e crianças como um período de vida distinto marcado por peculiaridades de cada fase, para ele na medida em que os controles emocionais são impostos as crianças, os sentimentos que marcam a infância vão sendo substituídos pelas novas regras e privações características da vida adulta, porquanto a criança deixa a infância e passa a assumir novos papéis em suas relações sociais.

O estudo desenvolvido por Elias (1994) em *A Sociedade dos Indivíduos* enfatiza que ao nascer o indivíduo tem uma dependência natural do outro para se tornar social, ao enfatizar os processos sociais presentes na infância, ele destaca os valores ou crenças, as representações, os sistemas simbólicos constituídos pelas crianças e o significado das suas experiências ao longo de seu processo civilizador. Na medida em que a criança se relaciona com os indivíduos à sua volta, a sua subjetividade se depara com novos mundos que transforma seu comportamento social e suas funções psicológicas. Em uma análise Elisiana, o indivíduo só se humaniza através do outro, a criança: “isolada dessas relações, ela evolui, na melhor das hipóteses, para a condição de um animal humano semi-selvagem... (ELIAS, 1994, p.27)





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Neste sentido, poderíamos afirmar que para Elias a infância é um fenômeno social construído dentro de um ordenamento civilizador das gerações adultas. A criança pequena só se significa diante das relações com os demais indivíduos começando a fazer parte da “rede social” enfatizada por Elias nesta primeira experimentação de vida social:

A criança não é apenas maleável ou adaptável em grau muito maior que os adultos. Ela precisa ser adaptada pelo outro, precisada da sociedade... Na criança, não são apenas as idéias ou apenas o comportamento consciente que se vêm constantemente formados e transformados nas relações com o outro e por meio delas. (ELIAS, 1994, p.30)

É dentro desta perspectiva que Elias realça que mesmo as crianças sendo apresentadas aos costumes civis de uma determinada sociedade, dentro de sua ótica e de sua cultura, elas levam uma vida social distinta da do adulto, em um mundo social com regras sociais e valores éticos próprios, embora marcado por visões de valores adultos, mas reproduzidos com um olhar diferente dentro da própria cultura.

Conforme vimos anteriormente em Ariès (2006) e Postman (1999), a infância passa por alterações advindas de mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais as quais configuram novos sentimentos de infância e novas concepções de **ser criança**. Já o sociólogo Norbert Elias ressalta que as experiências sociais das crianças desempenham um papel imprescindível para a concepção do ser criança e o desenvolvimento das sociedades adultas. Neste estudo investigativo acerca das crianças e suas infâncias, Elias (1994) afirma que os processos sociais dos indivíduos são distintos em cada grupo social de pertença e eles/elas se relacionam entre si de acordo com suas especificidades.

A criança, então numa perspectiva elisiana, passa a corresponder melhor aos desejos e às necessidades das sociedades adultas, embora, com seus pares, seu outro grupo de pertença afastado da família constitui sua micro-cultura que interage a todo tempo com a macro-cultura adulta ao qual estão inseridos. Por isso, acreditamos que, aprofundando os conhecimentos sobre as crianças e suas infâncias na história e na sociologia a partir de produções teóricas seja possível compreender para uma reconfiguração do conceito tradicional de infância, e a sua evolução contemporânea.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

A partir das discussões levantadas por Postman e Elias, como pensar no retrato da criança contemporânea?

Como já foi discutido anteriormente, o corpo infantil na sociedade atual vem sendo produto e alvo de publicidades de cunho erótico. A presença da mídia eletrônica, sobretudo a televisão, devido sua grande popularização, tem homogeneizada informações vinculando as imagens de modo que seduzem o seu público alvo. Postman (1999) ilustra uma exemplo de um comercial de televisão estadunidense que aparecem duas mulheres identificadas com mãe e filha, contudo o telespectador fica em dúvida quem é a verdadeira mãe e que é a filha:

Ambas parecem ter completado ainda trinta anos e podem ser mais ou menos confundida umas com a outra. Costumo usar este comercial como testemunho de uma extraordinariamente explicito de apoio à tese de que as diferenças entre adultos e crianças estão desaparecendo. (POSTMAN, 1999, P. 112)

A revista *Vogue*, especializada em moda internacional e consumo para mulheres é a mais importante e poderosa no mundo em seu segmento, sendo publicada em 19 países mensalmente em uma perspectiva sofisticada do mundo da moda, da beleza e da cultura pop, a cada edição da revista adulta feminina, uma em moda infantil vem como brinde às leitoras/os. Aqui, traremos outro exemplo de uma propaganda impressa, de uma famosa marca internacionalmente de roupas femininas e masculinas, que foi veiculada à revista – *Vogue* – Kids Brasil, nos mês de fevereiro para a coleção de inverno 2012. A propaganda foi protagonizada por uma menina (pré-adolescentes) e uma modelo adulta. Além de caracterizar a criança com roupas “Fashionista”, estabelece um misto de poder e a ingenuidade das chamadas *It girl*⁵. A propaganda mostra de forma direta o exemplo trazido por Postman:

⁵ “It girl” é um termo utilizado na indústria do consumo fashion para se referir à mulheres que criam tendências e despertam o interesse das pessoas em relação ao seu modo de vestir.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5



Figura 2: ² Publicidade divulgada em Revista Vogue Brasil Kids, fevereiro de 2012

Fonte: Pesquisa realizada na revista Vogue Brasil, 2012

Segundo a autora Jane Felipe, a imagem de crianças está cada vez mais sendo usada para atrair os olhares do público consumidor, aliás, não seria a mesma a “grande consumidora”? Se não elas, são seus pais, mães, tios/as, avós/ôs, padrinhos e madrinhas, que a enchem de mercadorias para ganhar “afeto”. As crianças como público alvo do consumo passam pelos mesmos processos de subjetivação dos padrões de beleza adulto dos, na medida em que são construídas e propagadas tendências de moda, de brinquedo e comportamento para crianças. Cada vez crianças devem atender aos significados de beleza e comportamentos vinculados a revistas, programas de televisão e propagandas, afetando assim novos valores no ser infantil:

Chama atenção para o fato de haver uma “erótica infantil”, isto é, uma erotização da imagem da criança, amplamente veiculada pela mídia. “Não é difícil encontrar propagandas e anúncios onde a criança é mostrada em pose sensual ou em um contexto de sedução”. (FELIPE e GUIZZO, 2003, p.124)

Não é de se causar espanto que uma marca de moda internacional febre entre consumidoras/es de moda adulta, comecem a explorar o mercado infantil. Na imagem acima temos a mulher e criança vestidas de modo semelhante. Estes periódicos femininos, são bastante procurados pelas grandes marcas do mundo da moda, em especial pela revista Vogue que apresentam padrões de beleza como uma possibilidade de vender uma imagem de poder,

3370





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

sensualidade e sucesso, reforçando o ideal de beleza como uma forma de estratificação social. Assim, tento as crianças e jovens como alvos do consumo, a apropriação no valor dos corpos em uma sociedade midiática que ganha a cada dia mais status.

A influência da mídia televisiva e impressa e as configurações sociais que acarretam no cotidiano das crianças fazem com que surja uma nova compreensão de ser criança e de vivenciar a infância. Tomados por um pré-conceito de que a infância é uma fase de maior liberdade de experimentação e autonomia nas brincadeiras com seus pares, a globalização dos valores sociais, em contrapartida, propagados pela mídia afeta as estruturas sociais das crianças e, por conseguinte as relações e trocas culturais entre seus pares. Encontramos na mídia televisiva outras vias que operam para artificialização das relações humanas na qual a televisão supre a necessidade da criança brincar com outras crianças da sua mesma faixa etária. É neste sentido, que os valores de moda apresentados nas duas imagens acima exercem um poder persuasivo sobre as crianças. Então, como pensarmos a infância mediante as transformações culturais?

Postman e Felipe (2003) nos leva a refletir que a erotização precoce das crianças e a crescente participação nas mídias impressas e eletrônicas são alguns aspectos de que a infância esteja desaparecendo, ou na melhor das hipóteses que o sentimento de infância que se tem na contemporaneidade está em seu declínio. As roupas vistas na propaganda vinculada na revista *Vogue Kids*, reafirma que o vestuário infantil e os hábitos culturais das crianças estão cada vez mais permeados aos hábitos adultos.

Este excesso de imagens que ditam o comportamento deixa a criança passiva e receptora de produtos que muitas vezes não trazem significados a sua vida social. Assim, diante do argumento de Postman, certos programas e propagandas destinados ao público infantil e juvenil estão longe produzir ou reinventar a realidade, eles desconfiguram os comportamentos sociais esperados nas crianças.

Assim, Postman nos leva a refletir sob alguns pressupostos históricos discutidos por Ariès e nas novas configurações sociais de infância. Se a educação das crianças no início da era moderna estava dentro de um contexto moralizador através da educação, sendo a família e a educação conservadora símbolo de garantia de uma criança comportada, disciplinada e inocente, alvo do controle moralizador da sociedade civil a fim de um bom desenvolvimento psicológico e social,





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

poderíamos afirmar que na infância contemporânea a televisão passa a exercer forte influência nas crianças é a desempenhar a “moralização”⁶ delas, controlando seus hábitos, brincadeiras, o modo de se relacionar com o outro influenciado e seu olhar sob seu contexto sociocultural. Assim, a criança ao ficar frente à tela de vidro e gigantes outdoor, estes que não a reflete nem reflete a imagem do outro, só acaba a pacificando as doutrinas midiáticas globais.

Mesmo com o advento das mídias eletrônicas no cotidiano das crianças de várias classes sociais, culturas e gênero, percebemos que o ser criança está em constante transformação advindas das mudanças sociais e históricas que a sociedade atravessa. Deste modo, queremos enfatizar que todas as mudanças propagadas pelas novas imagens de consumo das crianças, faz com que a infância passe por transformações sociais adquirindo novas identidade social as crianças incorporando estes conflitos sociais ao seu dia a dia. Destacamos algumas reflexões de Neil Postman (1999) nas formas das crianças se relacionarem sendo fruto das transformações culturais adultas, assim, concebemos que o modo como a infância contemporânea e vivida é fruto das transformações globais do nosso tempo. A infância contemporânea, não é romântica, e sim dotada de características próprias que sofre influências políticas, culturais e sociais tanto locais como globais.

Se a criança era vista como adulto em miniatura ao longo da era Moderna, com a globalização dos bens de consumo, a televisão é principalmente a publicidade passam a determinar padrões de beleza e comportamento às crianças. Agora elas deixaram de ser invisíveis e passaram ao centro dos valores do nosso tempo.

Conclusões

Apontamos que o presente trabalho pode contribuir para uma melhor compreensão do poder da propaganda no comportamento e na reinvenção do sentimento de infância, na medida em que muitas imagens e catálogos de moda tornaram-se objetos de exposição e desejo.

⁶ Jane Felipe reforça a idéia da contradição do sentimento de infância contemporâneo, pois, se de um lado são produzidas imagens de cunho erótico das crianças, a televisão ainda vincula discursos da moralização da infância, assegurando a infância “ingênua.”





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Fundamentar um debate me torno das proporções da mídia modificando o comportamento das crianças é um pressuposto relevante para a postura crítica da família, educadores e das próprias crianças ao se perceberem neste processo mercantilista da imagem.

É fácil perceber a influência de brinquedos e personagens explorados na mídia televisiva, assim com o vestuário propagado nas propagandas impressas e de vídeo. Com amarrar invisíveis, as crianças são coibidas de serem educadas conformes alguns interesses naturais, diferentes das coibições físicas, dos castigos punitivos, a criança contemporânea sobre amarrar e proibições simbólicas que vem dos novos hábitos adultos, das tendências da sociedade capitalista; tais como individualismo e consumismo.

Referências

ARIÉS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Guanabara: 2006.

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

DURKHEIM, E. *Educação e sociologia*. (1922), São Paulo: Melhoramentos, 1967.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador I*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., vol 1, 1994.

_____, N. *O processo civilizador II*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., vol 2, 1994.

_____, N. *A sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

FELIPE, Jane. *Construindo identidades sexuais na Educação Infantil*. Porto Alegre: Páteo, n. 7, nov.98/jan. 99. p. 56-58.

_____, Jane; GUIZZO, Bianca Salazar. *Erotização dos Corpos Infantis na Sociedade do Consumo*. *Proposições*, v. 14, n. 3, p. 119 -130, set/dez. 2003.

POSTMAN, Neil. *O desaparecimento da infância*. Tradução: Suzana Menescal. Graphia Editorial, São Paulo: 1999.

Vogue Brasil - Kids (São Paulo) n. 12, p. 170-171, fevereiro de 2012.

